

# DESAFIOS RIMADOS:

# DO RITMO CORPORAL AO RAP



Fernando Fubá e estudantes  
da Emef Pavanatti  
Oficina de dança de rua

# PONTO DE PARTIDA



*Ôi dá licença oiê*

*ôi dá licença ôiá*

*Oi dá licença, dona da  
casa*

*Ôi dá licença, eu vim  
rimar!*

*(Cantiga de tradição oral)*



A escola municipal Maria Pavanatti Fávaro fica na região sudoeste da cidade de Campinas/SP. Localizada em um bairro periférico da cidade, a qual cresceu de maneira pouco planejada e ao redor de empresas de grande porte. A maioria dos pais e/ou familiares dos nossos alunos são emigrantes das regiões norte e nordeste e do estado do Paraná. Assim que entrei na escola me deparei com estudantes que nunca haviam ido ao centro comercial da cidade, que nunca haviam saído do bairro em que vivem. O bairro é bastante afastado do centro de Campinas e de qualquer espaço cultural ou locais ligados a atividades artísticas. A maioria frequenta os diversos templos religiosos que existem no bairro e a escola é o local, que na maioria das vezes, proporciona qualquer conhecimento ligado às artes e a cultura.

O planejamento na área de artes foi pensado por todos os professores da área juntamente com a orientadora pedagógica. Pensamos em uma "linha" das artes que levassem do 1º ao 9º ano do ensino fundamental a conhecer a maioria das peculiaridades e maravilhas que englobam as áreas artísticas conversando, sempre, com o projeto político pedagógico da escola<sup>1</sup>.

O planejamento para os 5ºs anos na área de artes tem como tema gerador a cultura Brasileira. No planejamento anual divido os conteúdos da nossa diversidade cultural pelas cinco regiões. Até o mês de julho de 2019, meados do 2º trimestre letivo, já havíamos estudado a região sul, sudeste e centro-oeste a próxima seria a nordeste. Foi pensando nela que trouxe para as aulas, os cordéis, a embolada e o repente. Sempre inicio as aulas com alguma música da cultura popular, que a gente passa e aprende "de boca".



1. O projeto pedagógico da EMEF Maria Pavanatti Fávaro 2019 está disponível em <https://pponlinesme.campinas.sp.gov.br/login.php>

Essas músicas de tradição oral quase sempre são acompanhadas de palmas que dão o brilho percussivo às cantigas. Comecei a notar que neste ano ambas as turmas tinham meninos (que eram maior número nas salas) que mostravam uma facilidade e expunham o interesse em aprender esses ritmos. A embolada e o repente os deixavam bem empolgados, achavam engraçado mas difícil, e diziam que não entendiam muito bem a letra.

Que o ritmo era “dahora”. A idéia central deste projeto surge quando começamos a fazer algumas associações dos ritmos populares da cultura nordestina com outros ritmos musicais. Após audição desses ritmos que surgem “de repente” surgiu a possível semelhança com o RAP\*.



Assim que percebi que os estudantes fizeram essa associação percebi que havia algo muito precioso que poderia ser explorado. Veja, apresentei a eles elementos de uma cultura POPULAR realizada nas ruas por pessoas “comuns” que dizem de forma extrovertida as dificuldades e diferenças sociais que há na sociedade.

\*RAP = “RHYTHM AND POETRY”,  
OU SERIA REP (RITMO E POESIA) TRADUZINDO PARA NOSSA LÍNGUA PORTUGUESA COM CERTEZA!

Imediatamente os estudantes fizeram uma associação ao RAP/ HIP HOP, que em sua origem vem de um movimento realizado nas ruas denunciando as desigualdades sofridas pelo povo negro. Movimento que se espalhou rapidamente e faz parte também de uma cultura POPULAR.

Não era, e aqui também não é, de minha pretensão aprofundar e fazer análises de como este estilo musical carrega imensa força e grande comunicação com a juventude. Mas o envolvimento dos estudantes foi tão orgânico que chegamos então a muitas músicas de Hip Hop que eles conhecem e que faz parte deste cenário da periferia em que eles vivem. Diante disso não tenho como não me lembrar de Paulo Freire:



1.3 - Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos. Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os da classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária (...) discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1996, p. 30)

Durante as aulas além das músicas e alguns ritmos corporais que comecei a mostrar e trabalhar com eles nas aulas de arte também fazia leitura de cordéis. Falei sobre a estrutura do texto, sua origem, como ele era impresso e exposto em “cordões”.

Expus as xilogravuras que tem a função visual de chamar a atenção do leitor e da técnica e estilo tão eficaz por trás desse desenho carimbado, impresso nas capas dos folhetos pendurados.

Essa miscelânea bem brasileira deu origem a este projeto. Foi a culminância de ideias, admirações, brasilidade e muita energia que fizeram com que essas atividades programadas para algumas aulas se transformassem em um projeto muito orgânico, divertido e rico.



## OBJETIVO:

Acredito que o respeito, admiração e o gosto pela arte se desperta quando a pessoa conhece o contexto e onde a obra está inserida. Entender e conhecer a cultura de um povo gera empatia e não permite que o preconceito tome a frente das conclusões ao ver ou experienciar uma obra artística. Sou amante da cultura popular brasileira e verdadeira defensora que esta cultura esteja cada vez mais presente na escola. Muitas vezes observo que o que é mais exposto nas aulas de artes são artistas consagrados, uma arte observada em grandes museus.

Muitas vezes o enfoque maior é dado para as artes visuais até pela questão da formação dos profissionais que estão na escola terem sido voltadas mais para as artes visuais. Não que sejam menos importante, de maneira nenhuma, os estudantes devem conhecer a arte mais “elitizada”, vamos chamar assim, mas não só. Cito Ivone Richter:

A tendência no ensino da Arte, é reproduzir conceitos de Arte Modernista largamente aceitos nos meios acadêmicos. Este enfoque exclui todas as Artes chamadas “menores”, e com elas toda a possibilidade de um trabalho multicultural em Arte. Até muito recentemente, historiadores, críticos e professores de Artes Visuais têm sido relutantes em estudar as artes populares, o folclore e o artesanato, que, por definição, não são “arte erudita” nem design.” (RICHTER, 2002, p. 103)

Acredito que incentivar a valorização da diversidade cultural brasileira, seja no âmbito local ou nacional se faz necessário nas aulas de artes e esse foi um dos meus maiores objetivos para o planejamento do ano como um todo como também para este projeto.

Acredito também que os PCNs nos trazem alguns objetivos a serem alcançados pelos alunos no ensino fundamental e é papel do professor e da escola direcionar essa conquista.

Quero destacar dois desses objetivos, sem a finalidade de diminuir os demais:

Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao País;

Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais.” (PCNs ARTE.1997, p. 7)

Tinha objetivos bem concretos com este projeto para aquele ano especificamente. Desejava despertar nos estudantes o gosto pela poesia, levar à prática da criatividade, permitir a descoberta dos ritmos que podemos fazer apenas com o nosso corpo, exercitando assim nossa coordenação motora e ouvidos. Que eles valorizassem e respeitassem a cultura de outra região do país. Que sentissem que os ritmos e músicas que apreciam também podem ser conteúdo pedagógico. Ao longo do projeto senti o quanto seria importante eles conhecerem artistas (dançarinos, músicos, poetas, artistas plásticos) de outra região do Brasil e de integrantes de grupos de movimentos culturais da cidade em que eles vivem.

Acredito que a grande maioria destes objetivos foram alcançados com este projeto. Percebi a nítida mudança de olhar para com as histórias, cantigas, receitas, sotaque que seus familiares, muitos deles vindos da região nordeste, traziam para a vida cotidiana. Muitos dos nossos alunos são nascidos na região nordeste ou tem algum familiar e se envergonhavam ou simplesmente tinham medo de explicitar na sala. O respeito e o tratamento com os colegas que tinham vindo de regiões nordestinas também foi modificado. A dificuldade que tanto os meninos quanto as MENINAS mostravam em se ver produzindo rimas poéticas, articulando palavras improvisadas ou escritas, de dançar sem ter vergonha de se mostrar e do julgamento do olhar do outro foram, no mínimo, revistas e modificadas. A alegria e admiração que todos e todas expunham ao estarem com um grupo de HIP HOP da cidade dentro da escola no horário da “aula” foi bem saboroso.

Percebi que tanto os estudantes quanto eu saímos modificados desta experiência que foi, sim, transformadora. Adquiro maior vínculo com estes alunos depois deste projeto e isso me emociona. Posso afirmar que a arte foi o trilha, o meio.

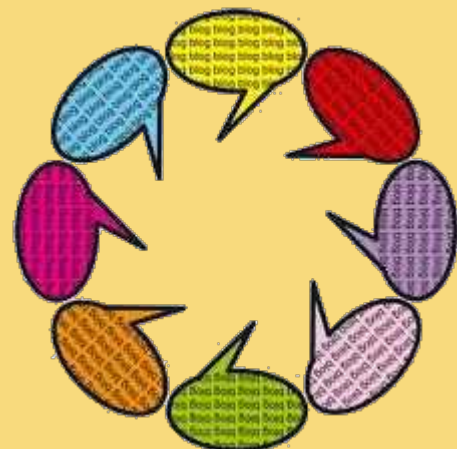


Foi notável que estes jovens adquiriram respeito e admiração pelos artistas populares, que elevaram o orgulho e patamar estético dessa cultura que é produzida na periferia e na arte de rua.



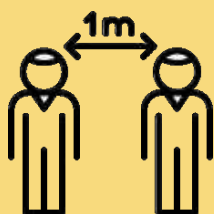
# NUMA ESCOLA NUNCA ESTAMOS SÓ

O planejamento do 1º ao 9º ano de forma geral para a área de artes é pensado de forma coletiva, como já colocado acima, mas a metodologia, o jeito de passar o conteúdo, fica a cargo do professor. Com isso, a princípio não havia pensado em envolver outras pessoas, pensei em realizar algumas ideias que haviam surgido apenas nas aulas de artes e nos horários de cada 5º ano, 2 aulas semanais em cada. Mas aos poucos as ideias foram se transformando em um projeto que foi “pedindo” o envolvimento de outros profissionais, tanto de dentro como de fora da escola. Afinal, como pensar em juntar diversas linguagens e não juntar diversas pessoas?



Primeiramente a orientadora pedagógica imediatamente apontou a interdisciplinaridade entre a arte e outros conteúdos pedagógicos e se mostrou disposta a orientar e facilitar o desejo de tornar as atividades em um projeto que pudesse ganhar uma proporção maior aos da sala de aula. A medida que o projeto foi tomando corpo e fui sentindo o interesse dos alunos, percebi que se a gente convidasse um grupo de hip hop da cidade, o qual conheço, o projeto teria seu ciclo fechado!

Nesta rede municipal de ensino dividimos os anos por ciclos, portanto 4ºs e 5ºs anos fazem parte de um mesmo ciclo de aprendizagem. Os alunos dos 5ºs anos queriam apresentar o trabalho que haviam desenvolvido. Ao expor essa ideia à orientadora pedagógica da escola, que é uma parceira e ótima profissional, ela se mostrou maravilhada com a ideia e sugeriu que apresentassem para os estudantes 4ºs anos e que se estendesse as oficinas de dança e poesia para o grupo que seriam espectadores da apresentação dos ritmos corporais e desafios rimados dos 5ºs anos. No momento somente almejamos que, quem sabe, este projeto despertasse o interesse dos alunos do 4º ano para este ano 2020, na qual, seria a minha próxima turma.



Quem imaginava que o possível “bis” do projeto para este ano fosse abalado pelo invisível Covid-19



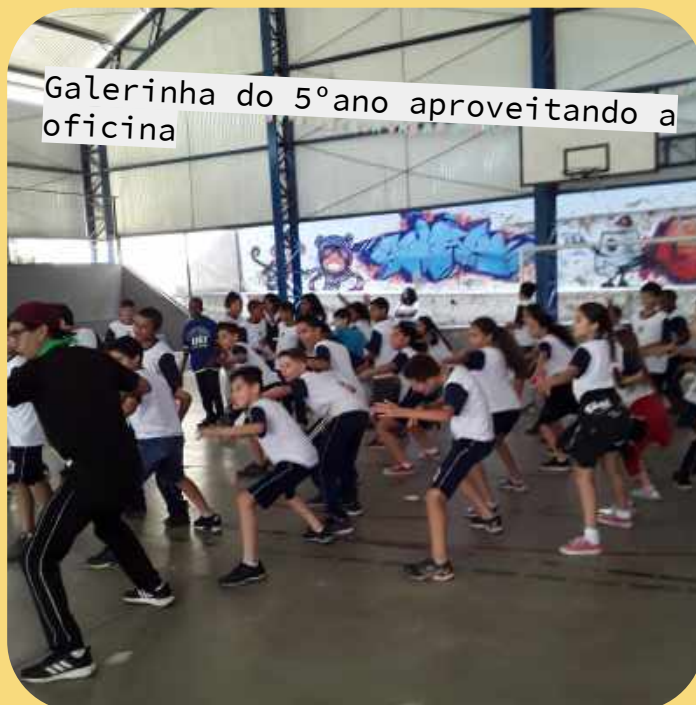
A cultura Hip Hop é algo que envolve muitas linguagens artísticas, dentre elas, “quatro pilares” são assim definidos por um de seus precursores nos Estados Unidos, Afrika Bambaataa; ele coloca que os quatro pilares são: o *Break*(dança), grafite (desenhos), *rap* (música) e Dj (jogador de discos).

Em uma entrevista de 2016 para a revista RAÇA ele disse:

*“Eu gostaria de ver as pessoas prestarem atenção à ciência do hip hop. A parte de conhecimento, o lado político. Eu sempre digo que o hip hop vai se tornar universal(...)”*

Os estudantes não só prestam atenção como apreciam, mas fora da escola. Estava latente que gostariam que estivesse dentro também. Me ensinaram como este movimento abrange todas as linguagens da arte!

Contei a eles que conhecia artistas que integravam o movimento Hip Hop da cidade e eles se mostraram interessadíssimos. Como a sugestão veio deles mesmos, pensei: porque não fazer o convite para o grupo assistir a apresentação e as rimas de “batalha” que estavam criando? O tal, meu conhecido integra o grupo P2RCA e a partir de uma conversa percebemos que seria possível realizar uma parceria incrível. Pensamos que o grupo poderia abranger a participação deles além de compor na apresentação do que estávamos montando.



Galerinha do 5º ano aproveitando a oficina



Alunos do 5º ano na oficina de dança de rua com os integrantes do P2RCA

Pensamos então que isso poderia se dar através de 2 oficinas, uma de poesia e outra de dança de rua, além das apresentações. O grupo se dispôs a montar todo o “cenário” existente, com equipamentos de som, microfone, MC (mestre de cerimônia), etc. Ao final das oficinas e das apresentações tanto dos estudantes quanto do grupo se encerraria essa vivência com desafios

Poetisa Jessica explicando sobre a modalidade do "Slam" no movimento Hip Hop



### Norte Nordeste Me Veste

Metó meu chapéu de palha sigo pra batalha  
Com força agarro a enxada se crava em minhas mortalhas  
Tive que correr mais que vocês pra alcançar minha vez  
Garra com nitidez rigidez me fez monstro camponês  
Exerce influência, tendência, em vivência em crenças  
Destinos  
Se assumam são clandestinos se negam não nordestinos  
Vergonha do que são, produção sem expressão própria  
Se afastem da criação morrerão por que são cópias  
Não vejo cabra da peste só carioca e paulista  
Só freestyleiro em nordeste não querem ser repentistas  
Rejeitam xilogravura o cordel que é literatura  
Quem não tem cultura jamais vai saber o que é  
RAPadura  
Foram nossas mãos que levantaram os concretos os  
Prédios  
(trecho da música de RAPadura Xique-Chico)



### Nordestino sim, nordestinado não

Uma vez que o conformismo  
Faz crescer o egoísmo  
E a injustiça aumentar  
Em favor do bem comum  
É dever de cada um  
Pelos direitos lutar

Por isso vamos lutar  
Nós vamos reivindicar  
O direito e a liberdade  
Procurando em cada irmão  
Justiça, paz e união  
Amor e fraternidade

Somente o amor é capaz  
E dentro de um país faz  
Um só povo bem unido  
Um povo que gozará  
Porque assim já não há  
Opressor nem oprimido

(trecho da poesia de Patativa do Assaré)

MC Eveline contando sua história de vida e sua luta no movimento



O nordeste é poesia,  
Deus quando fez o mundo  
Fez tudo com primazia,  
Formando o céu e a terra  
Cobertos com fantasia.  
Para o sul deu a riqueza,  
Para o planalto a beleza  
Pro nordeste a poesia.

(trecho de Patativa do Assaré contido na música de RAPadura XC)



# REALIZAÇÃO DO PROJETO:

## O ENTRELAÇAR ENTRE CONTEÚDO E PRÁTICA



*Eu fui no mato, morena*

*Buscar cipó*

*Eu vi um bicho, morena*

*De um olho só*

*(Cantiga da tradição oral)*



Os ritmos corporais já faziam parte das nossas aulas desde meados de junho. O interesse que eles tinham, como relatado acima, por sonoridades percussivas foram se estendendo. Eu trazia algum ritmo (pois estes ritmos corporais fazem parte do meu treinamento cênico) para começarmos a aula e quem soubesse outro apresentava ao grupo. Acredito que o corpo é elemento fundamental para recebermos melhor todos os conteúdos, além de abrirmos o canal energético para a escuta ativa. Assim me faz lembrar Fátima Freire:



E quem fala de corpo fala de história de vida. Das marcas que cada um traz consigo. Por essa razão, sempre dei muita importância ao resgate da história de vida do educador no seu processo de formação. (DOWBOR, 2007 pág. 61)

Apresentei a eles um espetáculo do grupo Barbatuques<sup>2</sup> e depois disso sempre que entrava em aula acalmava a turma com algum ritmo corporal. Dois ritmos permaneceram, foram aprendidos por TODOS e TODAS da turma.

Obs: Coloquei em caixa alta porque inclui, inclusive, os alunos da educação especial, que eram presentes nas duas turmas. Uns com dificuldades motoras outros na cognitiva. Dificuldades vencidas, pois, conseguiam executar os ritmos corporais com diversão!

Nas últimas semanas de agosto de 2019 entramos na região nordeste. Começamos apreciando as obras de mestre Vitalino. Entramos setembro com xilogravuras de J. Borges e outros artistas como Minelvino Francisco, lendo algumas lendas do livro *Mitos e Lendas do Brasil em Cordel* de Nireuda Longobardi. Assistimos ao curta metragem “A moça que dançou depois de morta” de Cajueiro.

<sup>2</sup> Utilizar o corpo como instrumento musical é a proposta essencial do grupo paulistano Barbatuques, que produz música a partir de efeitos de voz, palmas, estalos, batidas, mãos. [www.barbatuques.com.br](http://www.barbatuques.com.br)

Passamos a apreciar também algumas músicas do mestre Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, da dupla Caju e Castanha e diversos repentistas de embolada de rua. Aí é que que o conhecido, Coco - de - Improviso, embolou e fascinou os ouvidos dos meninos e meninas! Partimos então para os cordelistas: J. Borges, Samuel Monteiro, José Pequeno. Li alguns cordéis que havia trazido da minha última viagem a Recife/PE e a atenção e risos com as rimas ficavam explícitos. Os risos e reações eram apresentadas com uma mistura de divertimento com um ar envergonhado e um certo deboche.



Propus em determinada aula que cada aluno fizesse um cordel, obedecendo sua estrutura e forma poética. Muitos se recusaram dizendo ser incapazes, pois, achavam muito difícil. Começamos então a pensar em rimas de forma coletiva, oralmente. Os MENINOS (mais para frente conto porque ficou em letras garrafais) começaram a se arriscar. As rimas ficavam um pouco soltas, estavam com dificuldade em saber por onde começar. Sugeri que a inspiração para as poesias fossem os conteúdos das outras matérias que eles estavam aprendendo nas aulas com a professora polivalente. Com este ponto de partida as ideias e algumas rimas

começaram a surgir. Posso dizer que em meio ao fluxo de pensamentos e energias que existe em uma sala de aula, minimamente, democrática me aconteceu um *insight*. Pensei: como os conteúdos são os mesmos uma turma poderia fazer perguntas e resposta rimadas uma para outra, acho que seria um estímulo e tanto. Desafios rimados. Se tem uma coisa que os 5ºs anos gostam são de charadas e desafios! Um dos alunos

disse que isso parecia batalha de hip hop que ele achava muito “dahora” e começou a cantar uma música em formato de rima e vários outros acompanharam. Os outros MENINOS (de novo) concordaram quase que simultaneamente de forma intensa. Então um dos alunos propôs e muitos outros logo concordaram:

*“Pro, a gente pode fazer as perguntas desse jeito que a senhora quer para o outro 5º ano, eles podem fazer as respostas e a gente vê quem ganha no final, igual as batalhas de HIP HOP que os caras fazem no meu bairro, é muito dahora, já pensou?”.* (Gustavo - 5ºA)

**Pensando em algumas rimas após a leitura de cordéis**



A partir daí digo que o projeto foi se desenhando e se interligando com vários outros pontos e setores da escola.

Devo colocar aqui um breve histórico sobre este movimento cultural, na qual, não pretendo me aprofundar. Assim o descreve a antropóloga e mestra em Ciências Sociais, Mércia Ferreira de Lima:

O hip hop é um movimento artístico-cultural e juvenil que teve sua origem nos anos de 1970 nos bairros periféricos de Nova York com forte presença de uma população norte-americana negra. A rua era o principal palco para a expressão desses movimentos, pois como surge em áreas periféricas, os jovens não tinham acesso a espaços de lazer mais sofisticados da época. No Brasil, o movimento surge na década de 1980 em São Paulo. O principal local em que surgiu o movimento foi na Estação São Bento em São Paulo.





O hip hop foi fundamental para a construção da identidade de jovens negros que, pois através da música retratada nas letras de rap, o grafite, a dança eles conseguiram fazer uma denúncia das desigualdades sociais do ambiente em que viviam. (LIMA, 2014, p.1376)

Entendendo a importância que este movimento cultural tem e exerce numa comunidade admirando todos os pilares artísticos que nele contém, portanto, a decisão foi assertiva em unir o conteúdo programado para as aulas de arte com a arte viva que está nas ruas.

Para a realização deste projeto tivemos 10 (dez) encontros em sala para bolar tudo. Definimos os desafios rimados de ambas as salas, que iríamos apresentar, que o público poderia ser os alunos dos 4ºs anos (como a orientadora pedagógica havia sugerido) professores e funcionários da escola, que seriam incluídos os ritmos corporais que exploramos em aula e que um deles seria com uma cantiga popular, que seria agendado a apresentação para a semana do 12 de outubro, pois, historicamente a escola já promove atividades diferenciadas e que um grupo de HIP HOP da cidade viria para compor com as nossas atividades. Ufa!

Foi exatamente isso que foi feito. Senti a necessidade de além destes dez encontros ter mais dois encontros como ensaio geral com todos os alunos dos dois 5ºs anos. Nos dias do ensaio geral foi aquela euforia, eles estavam ansiosos, 61 alunos juntos na quadra de esportes, pensa!!

*Rapadura é doce mas não é mole não!*



Contei com a ajuda das professoras polivalentes, claro, e da professora de Educação Física para a organização com a quadra. Para o dia da apresentação contamos com as mesmas ajudas e com o mesmo espaço, pois, é o único que a escola dispõe para qualquer tipo de evento. As oficinas de dança de rua e poesia, que foram realizadas no dia da apresentação utilizaram também a quadra de esporte e um espaço que havia acabado de ser reformado, na qual, hoje é o “novo” refeitório (o antigo não comportava todos os alunos da escola nas refeições, alguns tinham que comer em pé).

Contamos no total com 15 (quinze) encontros: 10 nas aulas em sala, 2 ensaios gerais com todos os alunos dos dois 5ºs anos, 1 período todo para a apresentação e oficinas (das 7h às 12h), 2 para avaliação = 15 encontros

Os lugares da escola...e fora dela:

Sala de aula → Casa → Sala de aula  
Quadra de esportes → sala multiuso, espaço “vazio” (novo refeitório antes da inauguração)  
Quadra de esportes → Casa ↔ Sala de aula ↔ Casa

OBS: Quis colocar “casa” pois o projeto se estendeu a casa dos estudantes uma vez que trouxeram muitas ideias de fora da escola.



**Alunas dos 4ºs anos na oficina de poesia**

# "OS" DESAFIOS E "AS" BATALHAS

## DEBATES INTERESSANTES SURGIDOS DURANTE O PROJETO



Um debate muito interessante que surgiu ao longo do projeto foi sobre a desigualdade na quantidade de mulheres e homens que aparecem no universo do Hip Hop. No mundo da cultura popular, do repente, da embolada e do cordel não é muito diferente. Uma observação levantada pelas estudantes que gerou conversas muito interessantes nas aulas de arte.

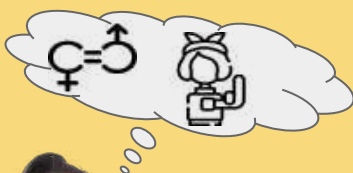
Quando surgiu a idéia de fazermos desafios rimados e que isso poderia ser "apresentado" em forma de "batalha de Hip Hop" os meninos soltaram o verbo e foram os primeiros se arriscarem. A forma oral foi o jeito que eles se colocaram na sala durante a aula. Um ia complementando a ideia do outro. O assunto era o que estavam aprendendo nas outras disciplinas. Neste mesmo momento percebi que as meninas se calaram. Depois de algumas idéias chamei uma das meninas para a "chuva de idéias" que estavam surgindo para as rimas. Uma das alunas me disse:



*"Pro, essa coisa de batalha de Hip Hop é mais para os meninos". (Emily - 5ªA)*

A aula acabou, pedi pra que eles anotassem as ideias no caderno e trouxessem para a próxima aula. A frase "coisa de menino" ficou na minha cabeça.

Em um artigo, Lima apresenta sua pesquisa sobre *Mulheres no HIP HOP*:



O hip hop é um movimento juvenil tido, desde seu surgimento nas periferias dos grandes centros urbanos, como uma ferramenta de denúncia racial e social. No entanto, também é um movimento, de acordo com a análise histórica de como surgiu, que prevalece um machismo, sendo a mulher retratada como submissa ao homem. Podemos perceber essa submissão, sobretudo nas letras de rap de alguns grupos que são precursores no cenário do hip hop brasileiro desde alguns rappers atuais. (LIMA, 2014, p.1371)

Ela aborda toda a questão do papel na mulher na sociedade e como foi se delimitando a determinados espaços e funções ao longo da construção da sociedade “*que tem suas raízes dentro de uma lógica paternalista*”. Coloca que o movimento HIP HOP é um pequeno reflexo muitos outros “lugares” que a mulher não se faz visível.

Em sua pesquisa ela relata que este cenário vem mudando positivamente:



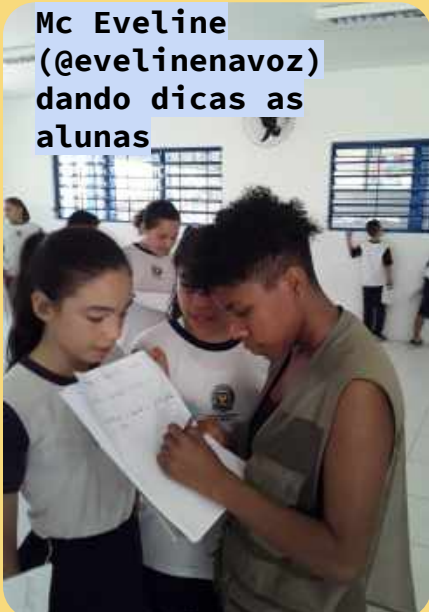
Em 2010 surge a Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop que tem como principal objetivo dar destaque às questões raciais e sociais voltadas para mulher, fortalecendo assim suas identidades. Trazendo a discussão sobre a distinção de gênero para o movimento hip hop, a mulher é em muitos casos tida como coadjuvante, não tendo um espaço totalmente aberto dentro do movimento. Mas os grupos que a pouco tempo estão se formando vêm reivindicando uma conquista por esses espaços e para se tornarem tão protagonistas no movimento assim como os homens. (LIMA, 2014, p. 1378)

Em certo momento encontrei um dos integrantes do grupo de Hip Hop, P2RCA. Ele me relatou que este assunto estava sendo muito levantado pelas mulheres que fazem parte do movimento HIP HOP. Que seria algo muito interessante de abordarem em uma visita a escola. Não foi a toa que pensamos no grupo fechando o projeto com oficinas e quem ministrou a oficina de rimas e poesias foram as queridas Eveline e Jessica.



Jessica falando sobre o papel da mulher no movimento de slams e no hip-hop

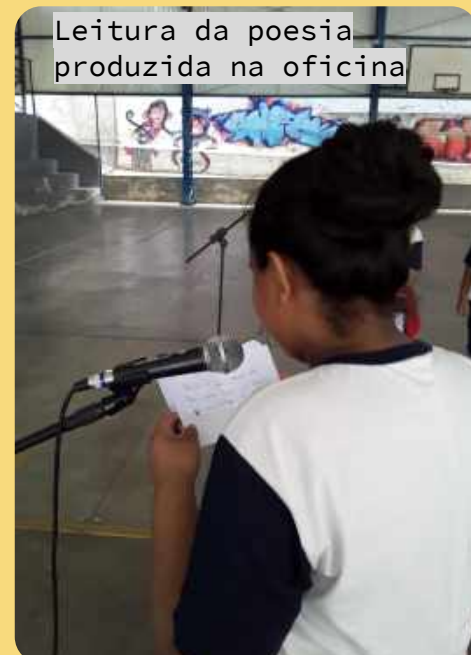
Este assunto foi abordado nas aulas. Levantamos questões importantes que foram além do movimento HIP HOP. Colocamos que estava “nas mãos” tanto dos meninos como das meninas cavarem os espaços de menor desigualdade de gênero em diferentes setores da nossa sociedade. As meninas, então ficaram responsáveis em sempre iniciar a leitura de suas rimas que todos deveriam trazer de casa e isso fez com que elas adquirissem confiança.



Mc Eveline (@evelinenavoz) dando dicas as alunas

Os meninos passaram a pedir ajuda para as meninas quando iam desenvolver alguma poesia.

Elas soltaram a voz e já expunham suas ideias de forma “cantada”. E assim elegemos que no dia da “Batalha de Rimadas” teriam números iguais de meninos e meninas para a apresentação.



Leitura da poesia produzida na oficina

Nicolly do 5º ano arrasando na batalha!



# OS DESAFIOS:

5ºA

Esse é o 5ºA até podemos apanhar mas quando eu levantar quero ver você rimar.

MDC a gente veio pra vencer aqui é 5ºA e eu vou te desafiar.

Pergunta: Aí eu vou de boa mascando o meu chiclete quero ver você dizer os múltiplos de sete?

Resp 5ºB –(essa ficou sem resposta, não chegaram a um consenso entre todos da turma e decidiram não responder)

Pergunta 5ºB - Estava na minha rua andando de mobilete eu quero ver você fazer uma rima com chiclete.

Resp 5ºA - Tava na minha casa abri meu KIT KAT , passou uma novinha andando de charrete. Pra chamar sua atenção acelerei minha Hornet. Essa história acabou com BIG MAC e SPAGHETTI.

Pergunta 5ºA – Aqui é o 5ºA uma rima vou mandar, agora me fala palavras com “H”?

Resp 5ºB – Vocês me perguntaram palavras com “H”. Então agora eu vou te mandar Temos a harpa que serve pra tocar, já o helicóptero voa pelo ar.

Pergunta 5ºB – Estamos estudando a história do Brasil. Quero ver você dizer um quilombo que existiu?

Resp 5ºA - Esse jogo de palavras confundiu a minha mente e a resposta eu te dou pessoalmente. Palmares foi um quilombo importante que existiu e ele está dentro da história do Brasil.

Pergunta 5º A - E aí 5ºB eu não quero humilhar quero ver você cantar uma música com barata.

Resp 5ºB – A barata diz que tem sete saias de filó é mentira da barata ela tem é uma só. Hahaha, hohoho ela tem é uma só (2x)

Pergunta 5ºB – Aí meu brother mando a multiplicação que vem aqui de dentro do meu coração. Quanto é 1.600 multiplicado por 400?

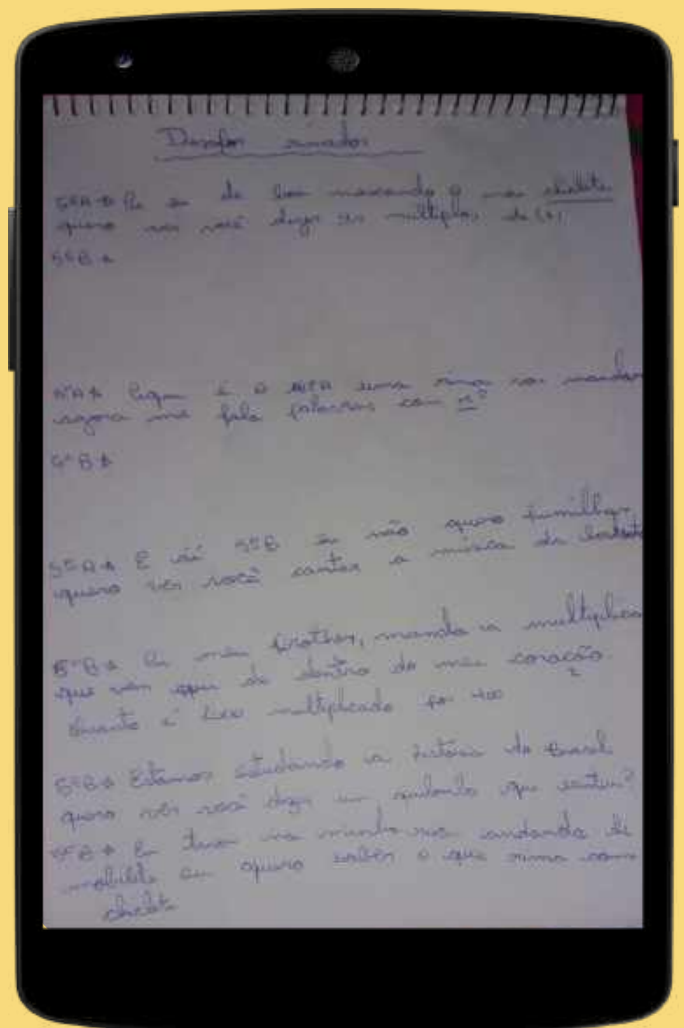
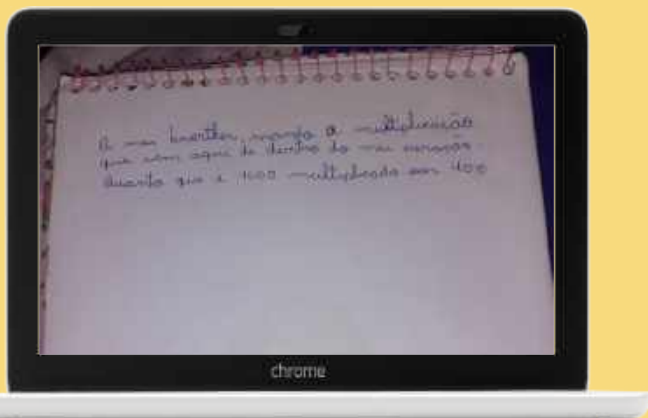
Resp 5ºA - A multiplicação que vem do seu coração eu aqui te respondo com a razão. 640 mil é o resultado que me pediu.

# AVALIAÇÃO DO PROJETO

A avaliação com os estudantes foi de forma oral em dois encontros em sala no início de novembro. Não foi logo na sequência por conta do calendário de atividades pré estabelecidos na escola. Mesmo assim revivemos as fases do projeto e conseguimos levantar pontos muito importantes tanto para mim quanto para os estudantes. Mas devo colocar que no dia da apresentação dos alunos e das oficinas já levantamos uma pequena avaliação. O retorno deles era imediato ao longo das atividades.

O grupo de Hip Hop que foi a escola fez questão de expor a qualidade do que foi produzido por eles tanto nas oficinas quanto na “batalha” com os improvisos no final. Expuseram aos estudantes a alegria de poderem fazer parte do projeto. Nos encontros que tive com as turmas fizemos uma roda de conversa para avaliar e colocar as impressões. Todos se colocaram de maneira muito positiva e com vontade de “repetir a dose”. Disseram que pensaram em várias rimas em casa que contaram para os pais/responsáveis a experiência e que eles elogiaram a atividade, a escola. Além da avaliação ter sido feita de forma oral, não posso desconsiderar que cada aluno também registrou no caderno de artes todas as rimas de ambas as turmas. O caderno de artes é avaliado trimestralmente ao longo do ano sendo que todas as atividades, não somente deste projeto, foram analisadas. Coloco aqui alguns registros que consegui resgatar ao longo deste momento de pandemia. O caderno de arte de 2019 é de uso pessoal e foram levados para casa.

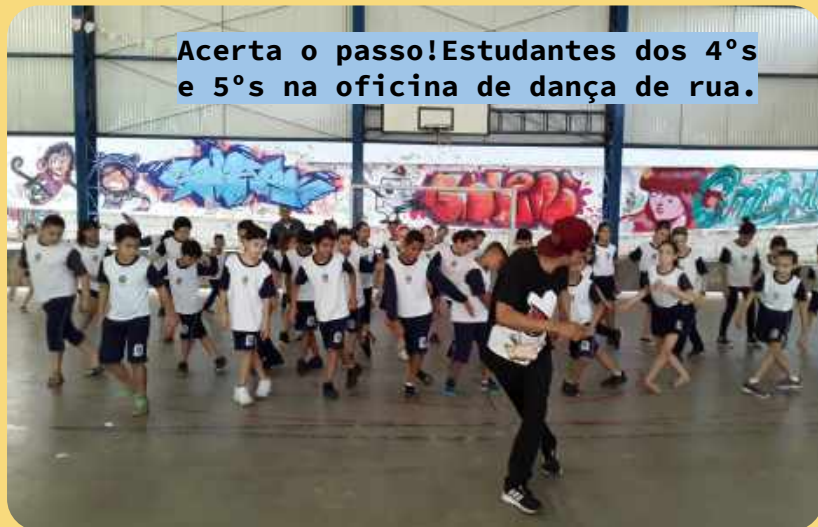
O vídeo que acompanha o projeto apresenta áudios que duas alunas me enviaram lembrando o projeto em plena quarentena



# DESAFIOS RIMADOS

POEMINHA  
poeminha escrito por aluna do 4º ano na oficina

UMA POESIA AQUI VOU CONTAR PORQUÊ TODOS A DE ESCUTAR  
UMA BELA DAMA A GAIFAR:  
- AAAA  
- QUEM PODERA ME SALVAR  
- UM DROROSO DRAGÃO VAI ME DEBORAR  
- HO PRINCESA VOU TE SALVAR, VOCÊ É TÃO BELA SÓ DE OLHAR  
E ESE TRAGÃO VOU DEAROTAR  
- E NESTA TORRE VOCÊ VAI ESCAPAR  
- HO MEU AMOR, VOCÊ VEIO ME CONQUISTAR, QUER DIZER  
SALVAR.





# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gosto de como a rede pública de ensino na qual estou inserida lida com a liberdade. Liberdade responsável para o professor ser o condutor da sua sala de aula. Ao meu ver não tem como falar em aulas de arte sem a liberdade em criar. Não somente para os estudantes mas principalmente para o professor. Confio e acredito que os documentos norteadores, os debates que os educadores realizam a anos sobre os parâmetros curriculares e BNCC é o chão e território seguro de todo professor. A arte vence em meio a todos os desafios. É muito bom saber que há confiança no trabalho do professor e este prêmio reforça esta ação. É muito bom vivenciar na prática a potência que a arte tem e exerce na vida das pessoas, sejam elas jovens, crianças ou adultos.

## TEMPOS MODERNOS (ASA BRANCA DO CERRA E SAMUEL DE MONTEIRO)

I  
Vivemos num novo tempo  
Noticias chegam num clique  
Em questão de alguns segundos  
Se alguém souber me explique:  
Morrerá o nosso Cordel?  
Esta trama descomplique

II  
O cordel ficou mais chique  
Com uma nova roupagem  
Trazendo novas ideias  
Pra ir à outra paragem  
Levando facilidade  
A nossa camaradagem

III  
Mais valor dar-se a imagem  
Ou a tal velocidade  
Ninguém lê nem um livreto  
Todos querem novidade  
Versos e versos perdidos  
Nas entranhas da cidade

IV  
Até a capacidade  
De versar ficou mais lenta  
Quem escrevia esqueceu-se  
É isto que se comenta  
Mas de uma forma ou de outra  
A divulgação aumenta

O dinamismo da criação. Saber que num coletivo de pessoas diferentes podemos produzir algo artístico é bem satisfatório. Criar junto é fantástico! Me permitir a essa troca atribuo a tudo que o fazer teatral me ensinou, trabalhar de forma coletiva é o que essa linguagem artística tem em seu cerne. Claro que isso só é possível também quando a gestão deste espaço institucionalizado, que nos traz tantas lembranças emocionais, na qual, intitula-se escola, tem o verdadeiro compromisso com os pilares da produção de conhecimento.

Meu desafio com esse projeto foi juntar elementos da cultura do nordeste com elementos do cenário cultural das periferias paulista. A princípio mundos, realidades, história de influências tão diferentes...Minha sorte foi (e é) ter esses meninos e meninas sempre por perto, que me mostram a cada dia que os muitos brasis que temos se ligam profundamente e influenciam cada pessoa única que aqui compõe a história de um povo!

Quero encerrar fazendo das palavras do mestre Paulo Freire as minhas:



*“ Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (FREIRE, 1996 pág. 23).*

# MATERIAIS USADOS EM SALA:

## Materiais usados em aula.

Barbatuques - DVD "O corpo do som ao vivo" (show)

J. Borges – cordéis e xilogravuras

Curta-metragem de Animação "A Moça que Dançou Depois de Morta" - de Ítalo Cajueiro.

Disponível em: <[http://portacurtas.org.br/filme/?name=a\\_moca\\_que\\_dancou\\_depois\\_de\\_morta](http://portacurtas.org.br/filme/?name=a_moca_que_dancou_depois_de_morta)> acesso em agosto e setembro de 2019.

J. Borges. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019.

Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8837/j-borges>> acesso em agosto 2019.

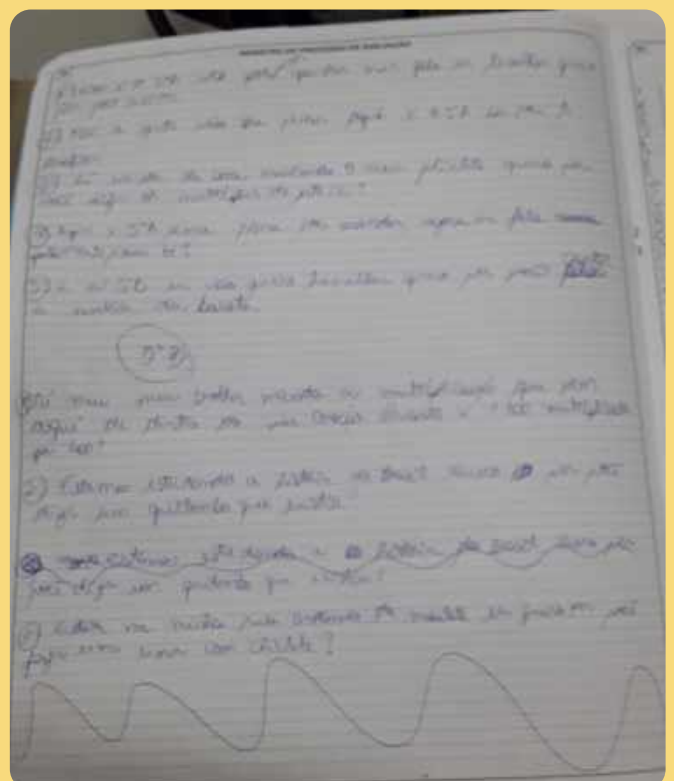
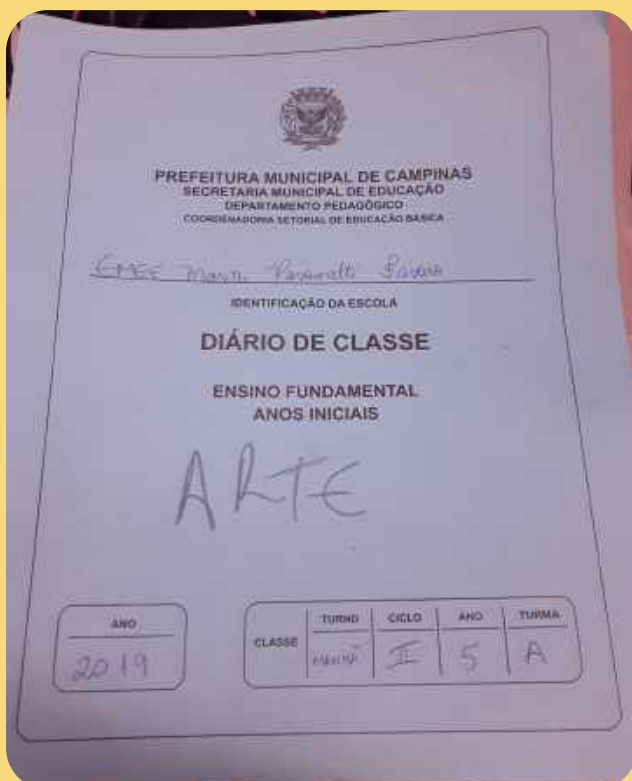
AIDAR, Laura. Cordel nordestino: conheça 8 poemas importantes. Culturagenial, 2017. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/cordel-nordestino-poemas/>> acesso em setembro de 2019.

Palavra Cantada, álbum "Canções do Brasil", (2001) - Músicas: "Eu Nunca Posso Perder" – Rio Grande do Norte/"Assim Cantam os Passarinhos" – Paraíba/Você Conhece o Vento – São Paulo

Caju e castanha, álbum "Professor de Embolada", (2003) - Música: "O Pobre e o Rico" - Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RBXFzDtnq1A>> acesso em agosto de 2019.

Clipe RAPadura Xique-Chico - "Norte Nordeste me Veste", (2010). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=n\\_ZXeg6gD\\_o](https://www.youtube.com/watch?v=n_ZXeg6gD_o)> acesso em setembro de 2019.

Diário de classe para registro escrito



# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

SCHAFER, Murray. O ouvido pensante. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

PACHECO, Lílian. Pedagogia griô: a reinvenção da roda da vida. Lençóis, Grãos de Luz e Griô, 2006.

DOWBOR, Fátima Freire. Quem Educa Marca o Corpo do Outro. São Paulo: Cortez, 2007.

GARDNER, Howard. Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

MASON, Rachel. Por uma arte-educação multicultural. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. (Arte) & (Cultura) – equívocos do elitismo. São Paulo: Cortez, 1990.

BARBOSA, Ana Mae. Arte Educação no Brasil: Das Origens ao Modernismo. São Paulo: Perspectiva, 1978.

BARBOSA, Ana Mae. Inquietações e mudanças no Ensino da Arte/Ana Mae Barbosa, (org). – 7ª ed. – São Paulo: Cortez, 2002.

RICHTER, Ivone M. Multiculturalidade e interdisciplinaridade. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). Inquietações e mudanças no ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte - Ensino fundamental. Brasília: SEF/MEC, 1998.

ANAIS CONFAEB - Congresso Nacional da Federação De Arte/Educadores: Políticas Públicas e Ensino Da Arte: Interculturalidade e processos educativos em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Roraima: UFRR, 2016.

LIMA, Mércia Ferreira de. Mulheres no hip hop: A identidade feminina em um movimento juvenil e artístico-cultural. 18º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações Gênero - REDOR. Recife: UFPB, 2014. Disponível em <<http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/2231/873>> acesso em: 22 jul 2020.

ASSARÉ, Patativa do. Nordestino sim, nordestinado não. Álbum: Coleção Memória do Povo Cearense - volume 4 - 2000. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zReqMykFbs8>> acesso em: setembro de 2019.

PEREIRA, David. Trechos da entrevista com Afrika Bambaataa de 30 de outubro de 2016. Revista RAÇA. Disponível em: <<https://revistaraca.com.br/afrika-bambaataa-e-a-origem-do-hip-hop/>> acesso em: 26 jul,2020.

ARAÚJO, Lindomar da Silva. Hip Hop. Infoescola, 2006. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/artes/hip-hop/>> acesso em: 21 jul, 2020.